

SOBRE ALGUMAS CONSTRUÇÕES PSEUDORELATIVAS EM PORTUGUÊS *

Ao Óscar Lopes
Professor e Amigo

1. Introdução

O presente texto tem como objectivo a análise de um conjunto de construções consideradas por alguns autores como um tipo especial de orações relativas, por outros como pseudorelativas.

As construções caracterizam-se por conterem uma expressão nominal seguida de uma oração de *que* e introduzida por:

(i) Vs de percepção como *ver*, *ouvir*, *sentir* e outros verbos que exprimem uma forma mais “ténue” de percepção como *encontrar*, *descobrir*:

- (1) (a) Vejo o teu filho que está a chorar.
(b) Vejo o João que se aproxima.
(c) Vejo um avião que está a aterrar.
(d) Vejo o avião que está a aterrar.
(e) Ouço os meninos que estão a cantar.

(como resposta à pergunta: O que é que vês? O que é que ouves?)

* Este artigo é o desenvolvimento de um texto que esteve para ser incluído na minha dissertação de doutoramento (BRITO, A. M. — *A sintaxe das orações relativas em Português*, Lisboa, INIC, 1991). Como procuro mostrar aqui e na sequência de bibliografia recente, as construções analisadas não devem ser consideradas orações relativas, embora partilhem com elas algumas propriedades.

(ii) por expressões de tipo “apresentativo”, como *eis, é, há*:

(2) (a) *Eis o Pedro que chega finalmente.*

(b) *É / Há o teu filho que desatou a chorar.*

(como resposta à pergunta: O que é que aconteceu?)

(iii) certas construções “independentes” como:

(3) *E eu que não consigo deixar de fumar!*

(4) *“E o Entroncamento que não chega!” (J. N., 20. 3. 81)¹.*

Neste texto será dada especial atenção às construções com Vs perceptivos.

2. Apresentação crítica de alguns tratamentos e breve caracterização sintactico-semântica

2.1. A aproximação às orações relativas²

Na literatura sobre estas construções, elas são frequentemente aproximadas das orações relativas.

C. Fuchs e J. Milner, que as estudaram em Francês no quadro de uma teoria enunciativa, vêem nelas não uma estrutura de subordinação canónica, mas um tipo de frase simples comportando a marca de uma operação de

¹ Deve referir-se desde já que as construções que vou analisar são mais produtivas em Francês e Italiano do que em Português. É sintomático que em DIAS, A. Epiphanyo Silva — *Syntaxe Histórica Portuguesa*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 5.^a edição, 1970, o exemplo ilustrativo da construção com Vs perceptivos é apresentado em Francês, com o correspondente português na forma infinitiva: “*Je la vois qui chancelle = Vejo-a vacilar*”. Já com a forma *eis*, o autor apresenta vários exemplos, alguns dos quais retirados de poemas de Soares dos Passos (p. 267).

Poderiam igualmente fazer parte deste estudo certas construções iniciadas pela preposição *com* no seu uso “absoluto”: *Com os miúdos que gritam constantemente não consigo trabalhar*. Embora partilhem de muitas propriedades em relação às construções aqui analisadas, distinguem-se delas por razões aspectuais.

² Dos autores que aproximam estas construções das orações relativas, gostaria de salientar: CADIOT, P. — *Relatives et infinitives “deictiques” en français*, “DRLAV”, 13, Université de Paris VII, 1976; FUCHS, C.; MILNER, J. — *À propos des relatives. Étude empirique des faits français, anglais et allemands, et tentative d’interprétation*, Paris, Société d’études Linguistiques et Antropologiques de France, 1979, em particular cap. 4.4.; Le GOFFIC, P. — *Propositions relatives, identification et ambiguïté, ou: Pour en finir avec les deux types de relatives*, “DRLAV 21, Mélanges de Syntaxe et Sémantique”, Université de Paris VII, 1979; KLEIBER, G. — *Relatives restrictives et relatives appositives: une opposition “introuvable”?*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, cap. II, 2.1.2. e cap. IV, 1.3..

“répérage” formulada de acordo com a modalidade do “certo”, expressa pelas expressões *il y a, je vois, c’est*:

“(…) ces “fausses relatives” ou complétives, traditionnellement considérées comme phénomènes marginaux et de surface nous semblent au contraire manifester des opérations que l’on poserait comme élémentaires dans la construction des énoncés: celles précisément qui se retrouvent, mais plus complexes, dans les “vraies” relatives et complétives, c’est à dire celles qui articulent deux propositions. Elles constituent donc une voie d’approche privilégiée au phénomène de relativisation...” E mais adiante, “les formes [*il y a... X qui / que...*] pourraient se gloser par: *Il y a (entre autres) pour moi-ici-maintenant un / le X qu...*, c’est à dire que parmi tous les thématissables, la situation permet de filtrer un X, le X, sans que cela implique quoi que ce soit pour les autres thématissables (...) On identifie donc (on re-thématise) un élément ou un ensemble de relations *unique*, à l’exclusion de tout autre (...)”. (p. 114)

Le Goffic integra estas construções nas “relativas não canônicas” e afirma que:

“(…) une interprétation en termes de “descriptive” ou “restrictive” est de toute évidence inadéquate, alors qu’il semble non moins évident que ces relatives, tout comme des relatives “canoniques” reposent sur des mécanismes d’identification”. (p. 143)

(em que a “identificação” é a operação enunciativa que permite propor que nas relativas uma mesma expressão referencial apareça duas vezes no enunciado, uma através da expressão nominal antecedente e outra através do pronome relativo)³.

Kleiber encara também as construções com Vs perceptivos como relativas. Partindo do exemplo (5):

(5) Je vois la mère qui pleure.

O autor considera que tem três interpretações possíveis:

- (5) (a) Je vois celle qui pleure (celle = mère)
- (b) Je vois la mère et la mère pleure.
- (c) Je la vois qui pleure / Je vois la mère pleurer.

³ Além de exemplos como os que estou a analisar, Le Goffic trata frases como as seguintes: “Tiens, une voiture qui a oublié ses lumières!”, “Excusez-moi, j’ai ma femme qui m’attend”.

A leitura a) corresponde a uma relativa restritiva e a leitura b) a uma apositiva. A interpretação c) mostra a insuficiência das “definições clássicas da apositiva”; e Kleiber conclui que:

“(…) les relatives compléments d’un verbe de perception (…) sont un premier témoin suggestif de l’ambiguïté dont font preuve les approches classiques de la notion de relative apositive”. (p. 53)

Como comentário a esta análise, repare-se que (5) só poderia ter o valor restritivo (como em (5a)), se o contexto linguístico ou extralinguístico condicionasse uma interpretação contrastiva, típica das relativas restritivas; em relação à interpretação apositiva descrita em (5b), ela parece extremamente artificial. Quanto a (5c), a leitura que aqui nos interessa, voltarei a ela na sequência deste texto.

Vemos assim que um ponto em comum à perspectiva adoptada pelos autores mencionados é a dificuldade de classificação deste tipo de construção como oração relativa.

Na realidade, as construções que vamos analisar partilham algumas propriedades com as orações relativas, mas muitos aspectos divergentes.

A principal propriedade em comum com as relativas é o facto de a oração de *que* comportar uma categoria vazia (exigida pelo Princípio de Projecção), cujo valor interpretativo é definido pela relação com a expressão nominal que precede o *que*. (Sobre este assunto veja-se o ponto 3.2.).

Com as relativas restritivas, elas partilham o não serem um comentário parentético acerca da expressão nominal e, por conseguinte, por não terem qualquer demarcador fónico entre o SN e a oração iniciada por *que*. Mas distinguem-se delas por não constituírem nenhuma forma de restrição ou de determinação sobre a expressão nominal antecedente.

Com as relativas apositivas têm em comum o terem como “antecedente” uma expressão definida (em geral um N próprio ou um pronome pessoal) (embora possa também surgir um SN indefinido mas específico como é o caso de exemplos como (1c))⁴. Mas distanciam-se das apositivas por vários aspectos:

(i) por não terem um demarcador fónico a separá-las da expressão nominal;

⁴ Cadiot assinala com razão que estas construções não podem conter um SN com sentido genérico, o que as aproxima das apositivas: *Vejo o cão que gosta do dono* só é gramatical como restritiva (Ver CADOT, P. — *Op. cit.*, p. 9).

(ii) por não serem parafraseáveis por uma coordenação de frases: um exemplo como:

(6) (= 1d) Vejo o avião que está a aterrar (como resposta a : O que é que vês?)

é diferente de (7):

(7) Vejo o avião e o avião aproxima-se.

(iii) por não admitirem a inserção de advérbios frásicos; de facto, a inserção desses tipo de advérbios “faz” da oração uma relativa apositiva⁵:

(8) Vejo o teu filho, que, felizmente, está a comer.

Outros aspectos importantes que as distinguem dos *dois* tipos de relativas:

(i) só são bem formadas as construções em que a oração de *que* tem como categoria vazia o sujeito, sendo agramaticais as construções em que a categoria vazia corresponde ao objecto. Ora, como se sabe, essa restrição não se verifica nas orações relativas⁶:

(9) * Vejo o teu filho que os meninos estão a magoar [].

(10) * É / há o Pedro que a Maria está a ver [].

(11) * E o Pedro que a Maria encontrou []!

(ii) enquanto as orações relativas podem ser iniciadas por um leque variado de morfemas e sintagmas relativos, estas construções só são introduzidas pelo complementador *que*. Assim, exemplos como (12a), (12b) e (12c), contendo morfemas relativos, só podem ter a interpretação de relativas “canónicas”, de apositiva ou de restritiva, conforme a natureza do antecedente:

(12) (a) Vejo daqui o teu filho, a quem tu nunca ralhas.

(b) Vejo daqui o avião de que me falaste.

(c) É o teu filho, a quem tu nunca ralhas, e por isso é tão rebelde!

(d) É a pessoa de que tanto costumás falar.

⁵ Notado por CADIOT, P. — *Op. cit.*, p. 14 e KLEIBER, G. — *Op. cit.*, p. 53.

⁶ Cf. KAYNE, R. — *Syntaxe du Français. Le cycle transformationnel*, Paris, Seuil, 1977, pp. 126-129 e *Binding, quantifiers, clitics and control*, “Connectedness and Binary Branching”, Dordrecht, Foris Publications, 1984, pp. 87-102. Ver também a este propósito o ponto 3.2. adiante.

Quanto a (12e) e (12f), parecem-nos de gramaticalidade duvidosa, precisamente como construções independentes e como comentário a uma situação vivida ou percebida pelo sujeito locutor:

- (e) ?? E o Pedro a quem eu não consigo ralar!
- (f) ?? E o Entroncamento de que tanto gostas!

(iii) a coordenação entre o tipo de construção que estamos a considerar e uma relativa restritiva ou apositiva produz um resultado pouco aceitável, só podendo coordenar-se com uma oração do mesmo tipo; veja-se o contraste entre (13a) e (13b)⁷:

- (13) (a) ?? Vejo o teu filho que está a chorar e que é muito amoroso.
 - (b) Vejo daqui o teu filho que está a chorar e que está a chamar pela mãe.
- (como resposta à pergunta: O que é que vês?).

Podemos pois concluir que as construções que estamos a analisar não são orações relativas. E a partir deste momento serão designadas “pseudo-relativas”.

2.2. A aproximação às completivas

Uma das primeiras análises das pseudorelativas com Vs perceptivos foi proposta por Gross para o Francês: para este linguista há paralelos entre as construções que contêm uma completiva e as pseudorelativas⁸:

- (14) (a) Je vois Marie qui sort du cinéma.
- (b) Je vois que Marie sort du cinéma.

⁷ Sobre esta restrição ver CADIOT, P. — *Op. cit.*, p. 15.

⁸ Cf. GROSS, M. — *Grammaire Transformationnelle du Français*, Vol. I, *Syntaxe du verbe*, Paris, Larousse, 1968, p. 123. Nesta orientação incluem-se outros autores, dos quais se destacam SCHWARZE, C. — *Les constructions du type “Je le vois qui arrive”*, em ROHRER, C.; RUWET, N. (orgs.) “Actes du Colloque Franco-Allemand de Grammaire Transformationnelle”, Vol. I — “Études de Syntaxe”, Tübingen, Niemeyer, pp. 18-30; para o Italiano: RADFORD, A. — *Italian Syntax: Transformational and Relational Grammar*, Cambridge, Cambridge University Press, 1977, pp. 155-171.

E propôs que (14a) deriva de (14b) por elevação do SN Sujeito da completiva para a posição de Objecto Directo da F superior⁹.

Mas este tratamento é insustentável, quer por razões sintácticas quer por razões semânticas.

Por um lado, uma regra de elevação de Sujeito para Objecto Directo é um mecanismo não motivado e por isso actualmente não admitido nas teorias sintácticas.

Do ponto de vista semântico, há razões para não relacionar transformacionalmente completivas e pseudorelativas, visto não existir sinonímia entre elas.

Observem-se os exemplos (14). Em (14a) o que é objecto da visão é um individual (Maria) percebido num determinado evento (sair do cinema (num tempo simultâneo ao tempo da enunciação)). A percepção é “directa” (utilizando uma expressão de Rizzi) ou “em acto” (como afirma Cadiot)¹⁰. Por isso, (14a) implica (14c):

(14) (c) Je vois Marie.

Quanto à natureza do predicado contido em (14a), a oração pseudo-relativa descreve uma “manifestação ou fase temporalmente limitada de um individual” ou um “stage-level predicate” desse individual¹¹.

Em (14b), com uma oração completiva, o objecto da percepção é um dado evento (Maria sai do cinema num tempo que, neste caso, é simultâneo ao tempo da enunciação) mas só indirectamente a Maria é objecto da percepção. Assim, (14b) pode não implicar (14c); de facto, o que o sujeito do enunciado vê pode não ser directamente a Maria a sair do cinema, mas

⁹ É curioso referir que em SILVA DIAS, E. — *Op. cit.*, p. 267, se sugere um tratamento muito semelhante ao de Gross: “Em vez de ligar aos verbos sensitivos uma or. substantiva de *que*, ou um infinitivo, pode fazer-se do que havia de ser sujeito da or. substantiva compl. directo d’aquelles verbos, e ligar-lhe uma or. relativa de *que*. É construção pouco vulgar, e que pertance só à litteratura: *Vereis a inexpugnâbil Dio forte / Que dous cercos terá...* (*Lus.* II, 50).

¹⁰ Veja-se RIZZI, L. — *Direct perception, government and thematic sharing*, em “Geneva Generative Papers”, vol. 0, 0, 1992, pp. 39-52; e CADIOT, P. — *Loc. cit.*, p. 17.

¹¹ A primeira expressão é usada em MATEUS, M. H.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FARIA, I. — *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 2.^a ed., 1989, p. 99; a distinção entre “stage-level predicates” e “individual-level predicates” é proposta em CARLSON, G. — *Reference to kinds in English*, Diss. de Ph. D., Universidade de Mass., Amherst, 1977 e em KRATZER, A. — *Stage-level predicates and Individual-level predicates*, Universidade de Mass., Amherst, 1989 (não publicado).

por exemplo uma pessoa que se dirige a ela quando as portas se abrem. Nestas circunstâncias, a percepção pode ser “indirecta” (utilizando de novo uma expressão de Rizzi) e Vs como *ver* tomam então um sentido epistémico e cognitivo (mais ou menos equivalente a *compreender*, *perceber*, *descobrir*)¹².

Repare-se que certos Vs admitidos nas construções pseudorelativas (como *encontrar*) podem não seleccionar complementos frásicos no seu sentido perceptivo (veja-se a agramaticalidade de (15b):

- (15) (a) ? Eu encontrei a Maria que saía de casa.
(como resposta à pergunta: Quem é que encontraste?)
(b) * Eu encontrei que a Maria saía de casa.

Só no sentido cognitivo de *encontrar* é que este verbo pode surgir numa construção de complementação:

- (c) Eu encontrei nos textos que o rei tinha abandonado o país no século XIX.

Mais uma vez se pode afirmar que a aproximação entre pseudorelativas e completivas não se justifica.

Em síntese, as pseudorelativas exprimem uma percepção directa (nomeadamente os exemplos como (1) e (2)) ou um comentário sobre uma situação vivida pelo sujeito da enunciação (exemplos como (3)). As expressões nominais que precedem a oração de *que* denotam objectos percebicionados (ou que foram ou se espera venham a ser percebicionados no espaço-tempo da enunciação). Daí a presença de expressões de carácter deictico (*eis*), apresentativas (*é*, *há*), Vs usados no seu sentido de percepção (*ver*, *ouvir*).

¹² Sobre a semântica das construções introduzidas por Vs perceptivos ver o já citado artigo de Rizzi, e ainda: ALMEIDA, R. — *Verbos de percepção visual*, Diss. de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1986; BARWISE, J. — *Scenes and other situations*, “The Journal of Philosophy”, vol. 78, 7, 1981, pp. 369-397; HIGGINBOTHAM, J. — *La logique des comptes rendus de perception. Une alternative extensionnelle à la sémantique des situations*, “Communications”, 40, Paris, Seuil, 1984, pp. 149-180; GUASTI, M. T. — *Pseudorelatives and agreement*, “Rivista di Grammatica Generativa”, Univ. de Padova, vol. 13, 1988, pp. 35-57 e a bibliografia apresentada nestes trabalhos.

Note-se igualmente a importância de se considerar o contexto linguístico em que ocorrem, nomeadamente o facto de estas construções surgirem frequentemente como respostas a perguntas¹³.

3.3. A aproximação às infinitivas

Entre as pseudorelativas, as construções infinitivas e as gerundivas (mais frequentes na variedade brasileira do Português) há muitas afinidades sintáticas e semânticas, que têm sido destacadas na literatura:

- (16) (a) Vejo o teu filho que está a chorar. (= 1a)
 (b) Vejo o teu filho a chorar.
 (c) Vejo o teu filho chorar.
 (d) Vejo o teu filho chorando.

Em qualquer das construções há a expressão de uma percepção directa de um individual num determinado evento, descrito na oração pseudorelativa, infinitiva ou gerundiva. Como tem sido observado, a expressão da percepção directa está tipicamente associada a orações reduzidas¹⁴.

Por isso, compreende-se que as pseudorelativas exibam uma série de restrições quanto ao tempo e quanto ao aspecto¹⁵.

Assim, nas construções com Vs perceptivos, se o tempo da oração matriz é o Presente, o tempo da oração de *que* é o Presente ou o Pretérito Perfeito mas não o Imperfeito, porque o que se pretende descrever é um processo que se realizou (num tempo imediatamente anterior ao da enuncia-

¹³ Neste mesmo sentido se pronunciam FUCHS, C.; MILNER, J. — *Op. cit.*, p. 113: “La forme *il y a ...qu-* peut être considérée comme réponse à une question implicite: *Qu’est-ce qu’il y a? (...)*”. E CADIOT, P. — *Op. cit.*: “(...) une caractéristique distinctive de la R. D. [relative deictique] en “discours” est précisément qu’elle doit être, d’une manière ou d’une autre, introduite soit par un verbe, un adverbe opérateur, soit par une question. Ceci me semble être effectivement une caractéristique essentielle directement liée à la valeur situationnelle, immédiate, en “acte” de la R. D. [relative deictique], par opposition à d’autres opérations discursives (de détermination, d’attribution, de définition etc.) qui sont le propre des relatives classiques et des complétives (...)” (p. 58).

¹⁴ Ver, sobre este assunto, mais uma vez RIZZI, L. — *Art. cit.*

¹⁵ Ver em particular CADIOT, P. — *Op. cit.*, p. 13; GUASTI, M. T. — *Pseudorelatives and Prepositional Infinitives*, “Geneva Generative Papers”, vol. 0, 0, 1992, pp. 53-65, em particular p. 55; RIZZI, L. — *Art. cit.*, pp. 40 e segs.

ção), ou que está a realizar-se (simultaneamente ao tempo da enunciação) ou que começou a ser realizado (expresso por uma forma “progressiva”):

- (17) (a) Vejo um avião que está a aterrar (= (1c)).
(b) Vejo um avião que aterrou / acabou de aterrar.
(c) * Vejo um avião que aterrava.
(d) * Vejo um avião que aterrará.

Quando o tempo da oração matriz é o passado (expresso pelo Pretérito Perfeito), então o enunciado passa a ser o relato de uma percepção. Por isso, o tempo da oração encaixada pode ser um tempo do passado, apresentado como realizado (Pretérito Perfeito) ou como estando a realizar-se (Imperfeito, preferencialmente numa forma progressiva):

- (18) (a) Vi um avião que aterrou.
(b) Vi um avião que estava a aterrar.

Com *eis*, expressão fortemente deictica, há também restrições quanto ao tempo, similares às das construções com Vs perceptivos:

- (19) (a) Ei-lo que chega!
(b) Ei-lo que chegou / acabou de chegar!
(c) Ei-lo que está a chegar!
(d) * Ei-lo que chegava!
(e) * Ei-lo que chegará!

Com *é* ou *há*, dado o valor quase “intemporal” destas formas, pode encontrar-se na oração encaixada o Presente, o Pretérito Perfeito ou o Imperfeito, exprimindo um processo que se realiza em simultâneo com o tempo da enunciação ou que se começou a realizar num tempo anterior (apresentado como durativo):

- (20) (a) É o teu filho que está a chorar!
(b) É / foi o teu filho que desatou a chorar!
(c) É / era o teu filho que chorava!

Com as construções “independentes”, estas restrições não se verificam, uma vez que à esquerda do *que* existe apenas uma expressão definida, não havendo quaisquer marcas temporais ou aspectuais explícitas:

- (21) (a) E eu que nunca mais deixava de fumar!
(b) E eu que nunca mais deixei de fumar!
(c) E eu que nunca mais deixo de fumar!

Vemos assim que, nas pseudorelativas, deve haver, de um modo geral, “concordância” entre o tempo da oração superior e o tempo da oração encaixada; o paralelo com as construções infinitivas e gerundivas é por isso compreensível, dado que o infinito e o gerúndio representam a neutralização das oposições temporais.

Note-se, além disso, que sobre as orações pseudorelativas, assim como sobre as orações infinitivas e gerundivas, há outro tipo de restrição relacionada com a natureza semântica dos predicados. Assim, com a forma *eis* e com os Vs perceptivos, o predicado da oração deve ser um não estativo, como nos exemplos até aqui apresentados e que contrastam com os seguintes, que contêm predicados estativos:

- (22) (a) * Ei-lo que sabe poesia!
(b) * Ei-lo que possui muito talento!
(c) * Vejo o teu filho que sabe poesia!
(d) * Vejo o teu filho que possui muito talento!

Compare-se com as infinitivas correspondentes, igualmente agramaticais:

- (23) (a) * Ei-lo a saber poesia!
(b) * Ei-lo a possuir muito talento!
(c) * Vejo o teu filho a saber poesia.
(d) * Vejo o teu filho a ter muito talento.

A agramaticalidade dos exemplos (22) e (23) deve-se a que os predicados estativos presentes são “individual-level predicates”, enquanto os predicados que tipicamente se encontram em pseudorelativas e construções infinitivas e gerundivas, os predicados não estativos, são “stage-level predicates”, como já tínhamos referido em 2.2.¹⁶

¹⁶ Sobre estas restrições semânticas ver GUASTI, M. T. — *Pseudorelatives and Prepositional Infinitives...*, especialmente pp. 59-61.

Mais uma vez, com a forma *é* e *há*, parecem existir menos restrições, sendo aceitáveis (ou pelo menos mais aceitáveis do que os exemplos anteriores) as construções com um predicado estativo:

- (24) (a) ? É o teu filho que sabe poesia!
(b) ? É o teu filho que possui muito talento!
(como resposta à pergunta: O que é que viste que te surpreendeu?)

Também quanto ao emprego de certos modais, há restrições. Assim, *querer* pode surgir na pseudorelativa mas não *poder* ou *dever*:

- (25) (a) Vejo o teu filho que quer estudar (mas não consegue com o barulho).
(b) * Vejo o teu filho que pode / deve estudar.
(como resposta à pergunta: O que é que vês?)

Repare-se que estas restrições não imperam nem sobre as orações relativas (veja-se (26)) nem sobre as construções completivas seleccionadas por Vs perceptivos (veja-se (27)), o que é mais um argumento contra a aproximação entre relativas, completivas e pseudorelativas:

- (26) (a) Na pista está um avião que aterrou / que se prepara para levantar voo.
(b) O teu filho, que sabe tanta poesia / que possui tanto talento, bem podia ter aprendido este assunto.
(c) O teu filho, que pode / deve estudar mais, não tem tido muitos bons resultados.
(27) (a) Vejo que o avião aterrou / aterra / estava a aterrar.
(b) Vejo que o teu filho sabe poesia / possui muito talento!
(c) Vejo que o teu filho pode / deve estudar mais.

Vemos assim que se confirma a ideia de que as pseudorelativas não são nem orações relativas nem completivas; os pontos de contacto são com as infinitivas e as gerundivas, partilhando com essas construções certas restrições temporais, aspectuais e lexicais.

3. Uma proposta de análise sintáctica

Justifica-se agora uma análise mais elaborada que permita responder às seguintes perguntas:

(i) o SN que precede o V perceptivo ou a expressão apresentativa forma ou não com a oração de *que* um constituinte? E se esses dois elementos formarem um constituinte, qual a sua natureza?

(ii) que mecanismos de ligação envolvem as construções de modo a explicar a sua interpretação e a aproximação às orações relativas?

3.1. O problema da estrutura

Para respondermos à pergunta (i), verifiquemos em primeiro lugar o comportamento destas construções relativamente a certos testes de constituição: pseudo-clivada, clivada, deslocação (por passiva), interpretação anafórica de categorias vazias ou pronomes, possibilidade de isolar a construção (por resposta a uma pergunta ou equivalente). Como estes testes têm sido usados para as construções infinitivas correspondentes, eles servirão também para aproximar de uma forma mais precisa as pseudorelativas das infinitivas¹⁷:

Pseudo-clivada:

(28) (a) O que eu vi foi o teu filho *que está a chorar / que está a dormir*.

(b) O que eu vi foi o teu filho a chorar / a dormir.

¹⁷ Sobre as construções infinitivas seleccionadas por Vs perceptivos, ver, entre outros, os seguintes trabalhos: AKMAJIAN, A. — *The Complement Structure of Perception Verbs in an Autonomous Syntax Framework*, em CULICOVER, WASOW; AKMAJIAN (orgs.) — “Formal Syntax”, Nova Iorque, Academic Press, 1976, pp. 427-460 (para o Inglês); RADFORD, A. — *Op. cit.*; BURZIO, L. — *Italian Syntax. A Government-Binding Approach*, Dordrecht, Reidel, *Studies in Natural Language & Linguistic Theory*, 1986, cap. 4. 7.; RIZZI, L. — *Art. cit.*; GUAISTI, M. T. — *Pseudorelatives and Prepositional Infinitives...* (para o Italiano); RAPOSO, E. P. — *Prepositional Infinitival constructions in European Portuguese*, em JAEGLI; SAFIR (orgs.) — “The Null Subject Parameter”, Dordrecht, Kluwer Academic Publishers, 1989, pp. 277-305; XAVIER, F. — *A categoria Preposição na Gramática do Português (um estudo da preposição a)*, “Actas do 6.º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística”, Lisboa, 1991, pp. 317-329, esp. pp. 322-329; DUARTE, I. S. — *Complementos infinitivos preposicionados e outras construções temporalmente defectivas em Português Europeu*, “Actas do 8.º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística”, Lisboa, 1992, pp. 145-158 (para o Português).

- (c) ? O que eu vi foi o teu filho chorar.
- (d) ?? O que eu vi foi o teu filho dormir.

Clivada:

- (29) (a) *É o teu filho que está a chorar / que está a dormir* o que eu estou a ver.
- (b) *É o teu filho a chorar / a dormir* o que eu estou a ver.
- (c) ? *É o teu filho chorar* o que eu estou a ver.
- (d) ?? *É o teu filho dormir* o que eu estou a ver.

Deslocação por passiva:

- (30) (a) *O teu filho que estava a chorar / que estava a dormir* foi visto por mim.
- (b) *O teu filho a chorar / a dormir* foi visto por mim.
- (c) ? *O teu filho chorar* foi visto por mim.
- (d) ?? *O teu filho dormir* foi visto por mim.

Possibilidade de isolar a construção (por resposta a uma pergunta ou equivalente) (referido na literatura como “Equative deletion”):

- (31) (a) O que estás a ver? *O teu filho que está a chorar / que está a dormir.*
- (b) Estou a ver uma coisa que não esperava ver: *o teu filho que está a chorar / que está a dormir.*
- (c) Estou a ver uma coisa que eu não esperava ver: o teu filho a chorar / a dormir.
- (d) ? Estou a ver uma coisa que eu não esperava ver: o teu filho chorar.
- (e) ?? Estou a ver uma coisa que não esperava ver: o teu filho dormir.

Interpretação anafórica de uma categoria vazia:

- (32) (a) Daqui eu vejo *o teu filho que chora / dorme* mas tu não deves ver [] daí / vê-lo daí. (em que [] ou *o* representa “o teu filho que chora / dorme”).
- (b) Daqui eu vejo o teu filho a chorar / a dormir mas tu não deves ver [] daí / vê-lo daí.
- (c) ? Daqui eu vejo o teu filho chorar mas tu não deves ver [] / daí / vê-lo daí.
- (d) ?? Daqui eu vejo o teu filho dormir mas tu não deves ver [] daí / vê-lo daí.

Os testes realizados permitem mostrar duas coisas:

1.º — que o SN forma com a oração de *que* um constituinte, uma vez que essa sequência é deslocável ou isolável por inteiro nas várias construções analisadas;

2.º — que a construção infinitiva com a qual a pseudorelativa mais se aproxima é a preposicional, precisamente porque esta construção exprime um processo durativo, enquanto a infinitiva não preposicional não está associada à expressão do durativo¹⁸. Assim, os exemplos contendo o infinito sem a preposição *a* tornam-se menos bem formados se o predicado verbal for lexicalmente caracterizado como durativo (vejam-se os exemplos (c) com o V *chorar* e (d) com o V *dormir*).

Mas os testes nada dizem acerca da estrutura interna do constituinte formado pelo SN e a oração de *que*. Formarão o SN e oração de *que* um constituinte SN ou de outra natureza?

Em exemplos como (33), os Vs perceptivos ou seleccionam um SN ou uma oração completiva (SCOMP):

- (33) (a) Eu vi um novo filme do Alain Resnais.
 (b) Eu vi que estava a chover. (quer no sentido de percepção directa quer no sentido de percepção indirecta ou cognitivo de *ver*).

Neste tipo de exemplos, os quadros de subcategorização de *ver* são:

- (34) (a) *ver*: [— SN]
 [— SCOMP]

Classicamente, as grelhas temáticas correspondentes são consideradas as seguintes¹⁹:

- (b) *ver*: Experienciador Objecto ou Tema
 Experienciador Proposição

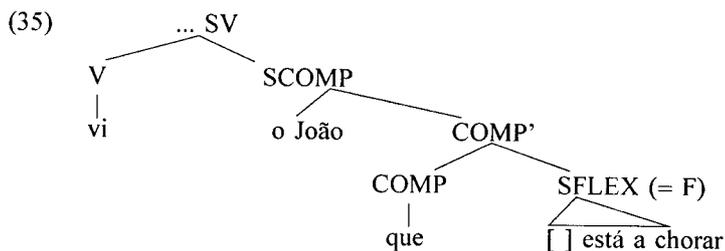
Vimos acima que as completivas têm propriedades distintas das pseudorelativas. Por isso, a selecção da categoria SCOMP estará à partida rejei-

¹⁸ Sobre o valor durativo das construções infinitivas preposicionais ver RAPOSO, E. P. — *Art. cit.*; XAVIER, F. — *Art. cit.* e DUARTE, I. S. — *Art. cit.*

¹⁹ Cf. XAVIER, F. — *Art. cit.*, p. 327.

tada para uma pseudorelativa, a não ser que seja proposto algum mecanismo formal que dê conta das suas propriedades.

Num artigo sobre estas construções em Francês e Italiano, Guasti propõe que as pseudorelativas têm a seguinte estrutura sintáctica:



De acordo com esta análise, o SN ocupa a posição de ESP de SCOMP pelo facto de esta posição poder ser ocupada por uma expressão argumental (nessas circunstâncias, tal expressão é, segundo Guasti, acessível à regência por parte do V *ver*, de que recebe uma relação temática²⁰. De modo a captar a interpretação destas construções, a autora propõe que os Vs perceptivos devem compreender dois papéis temáticos na sua grelha: um papel temático de Acontecimento ou Evento (logo, implicando Tempo) (atribuído a SCOMP e por conseguinte ao seu núcleo, COMP) e um papel temático de Objecto ou Tema atribuído ao SN na posição de ESP de SCOMP e que é simultaneamente o Agente do Acontecimento descrito na oração subordinada. Esta dupla atribuição de papéis temáticos seria comum às construções infinitivas seleccionadas por Vs perceptivos²¹.

Há vários aspectos discutíveis nesta análise quer do ponto de vista semântico quer do ponto de vista sintáctico:

(i) a proposta de dupla atribuição de papéis temáticos (Acontecimento e Objecto) é discutível, porque, como dissemos acima, nas pseudorelativas o objecto dos Vs em questão é um individual percebido num dado evento.

²⁰ Sobre a acessibilidade da posição de ESP de SCOMP à regência ver CHOMSKY, N. — *Barriers*, Cambridge, Mass., MIT Press, pp. 162 e segs; recorde-se que é assumido na teoria que a posição de ESP de SCOMP vale como argumental ou não argumental consoante a natureza da expressão que a ocupa.

²¹ Posição semelhante é adoptada por Raposo quando refere que os Vs perceptivos, nas construções infinitivas preposicionais, têm um papel temático primário a atribuir, afectando a construção como um todo, e um papel temático secundário, afectando só o SN (RAPOSO, E. P. — *Art. cit.*).

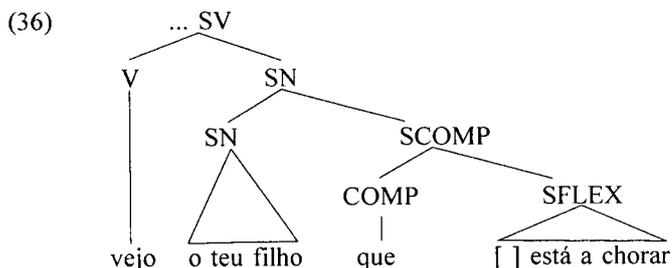
(ii) é discutível que a pseudorelativa seja marcada [+Tempo]; como vimos, uma das propriedades desta construção é a dependência temporal relativamente à oração superior.

(iii) o facto de o SN que ocupa a posição de ESP de SCOMP receber dois papéis temáticos distintos (Objecto por parte do V perceptivo e Agente (ou outro) por parte do V da pseudorelativa) contraria o Critério Temático. Aliás, a expressão que recebe o papel temático no interior da pseudorelativa é a categoria vazia de Sujeito e não directamente o SN.

Como alternativa a esta análise parece preferível adoptar a ideia de Burzio e de Rizzi já acima sugerida de que os Vs perceptivos quando são seguidos quer de um SN (como simples Vs transitivos) quer de um SN seguido de uma oração reduzida (seja ela pseudorelativa, infinitiva ou gerundiva) têm *um e só um papel temático interno a atribuir*, o papel de “Tema individual” (no pressuposto de que quer uma expressão nominal quer um Evento são semanticamente individuais)²².

No que se refere à parte sintáctica da análise de Guasti, gostaria de fazer as seguintes observações.

Guasti pretende distanciar-se da análise sugerida por Kayne para o Francês, segundo a qual as pseudorelativas têm uma estrutura de encaixe num SN, o que se descreve (simplificadamente) no esquema (36):



²² Como Rizzi adopta o tratamento sintáctico de Guasti para as pseudorelativas e como para as infinitivas sem Flexão sugere uma análise em que SN e o resto da construção formam um constituinte oracional, o autor propõe que entre o SN e o “resto da oração” opera um mecanismo de “partilha temática”, que formalmente pode ser descrito por uma partilha de índices, por Acordo especificador-núcleo. Refira-se que este autor propõe que os Vs perceptivos atribuem o papel temático de “Proposição” só quando seleccionam uma oração completa. Para os pormenores desta análise veja-se RIZZI, L. — *Art. cit.*

Uma das razões que levam Guasti a não adoptar esta estrutura é o facto de o SN seguido da pseudorelativa não poder ser modificado, por exemplo, por uma apositiva:

(37) “J’ai vu Marie qui sortait du cinéma, que d’ailleurs tu connais bien.” (GUASTI 88, p. 41)

De facto, uma das propriedades das pseudorelativas é não poder ser “continuada” por uma construção de tipo diferente.

Assim, ou é possível coordenar duas pseudorelativas com valores temporais e aspectuais idênticos, como já tínhamos visto em relação a (13b) ou como em (38a) e (38b):

- (38) (a) J’ai vu Marie qui sortait du cinéma et qui pleurait.
(b) Estou a ver a Maria que vem a sair do cinema e que vem a chorar.

Ou então uma pseudorelativa pode dizer respeito a um SN que por sua vez pode ser modificado por uma oração relativa apositiva:

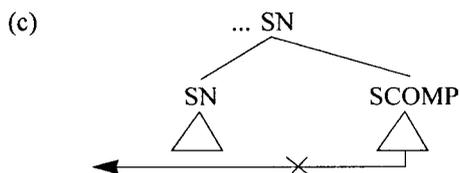
- (c) Acabo de ver a Maria, que tu conheces bem, que vinha a sair do cinema.

A razão da agramaticalidade de (37) não parece ser, portanto, como pensa Guasti, o facto de a sequência *Marie qui sortait du cinéma* não constituir um SN, mas sim o facto de o referido exemplo articular uma pseudorelativa e uma apositiva (nesta ordem), isto é, orações de natureza temporal e aspectual distintas referentes a uma mesma expressão nominal.

Por outro lado, a análise de Guasti não capta o carácter de “ilha” de uma pseudorelativa, bem evidenciado na agramaticalidade dos exemplos seguintes:

- (39) (a) * O livro que eu vi a Maria que lia [] é o “Evangelho segundo Jesus Cristo”.
(b) * Com quem é que tu viste o João que falava []?

A agramaticalidade das construções é explicável pela violação da Condição de Subjacência, tomando as categorias SN e SCOMP como nós “fronteira” ao movimento (de morfemas relativos ou interrogativos)²³:



A proposta de Guasti não parece pois de aceitar e pensamos que uma análise no sentido da estrutura preconizada por Kayne (veja-se (36)) vai no caminho certo.

Mas antes de explorar essa via, gostaria de comentar a proposta de Raposo, que em certos aspectos lembra a análise sintáctica de Guasti acima apresentada. O ponto de partida da sugestão, aliás breve e não desenvolvida, de Raposo sobre pseudorelativas é a afinidade entre estas construções e as infinitivas seleccionadas pelos Vs perceptivos²⁴. E por sua vez entre estas últimas e as “orações pequenas” ou reduzidas. Tomemos alguns exemplos ilustrativos:

- (40) (a) Vi o João a sair de casa.
 (b) Vi o João sair de casa.
 (c) Vi o João que estava cansado.
 (d) Vi o João cansado / triste.
 (e) Vi o João de calças novas.

Para se compreender a proposta de Raposo sobre pseudorelativas, vale a pena referir que, de todos os tratamentos sintácticos que têm sido propos-

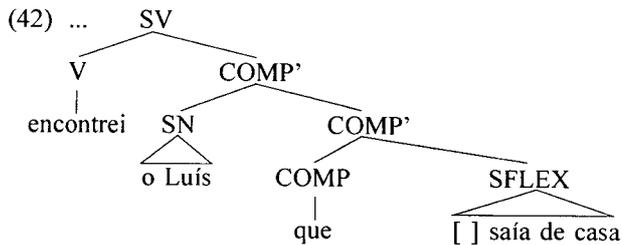
²³ Sobre “fronteiras” ou “barreiras” ao movimento veja-se: CHOMSKY, N. — *Barriers*, MIT Press, Cambridge, Mass., 1986, pp. 162 e segs.; RAPOSO, E. P. — *A Faculdade de Linguagem. Teoria da Gramática*, Caminho, Lisboa, 1992, cap. 14.

²⁴ Veja-se RAPOSO, E. P. — *Art. cit.*; neste artigo, o autor sugere que as pseudorelativas são a contraparte finita das construções preposicionais seleccionadas por Vs perceptivos. Em *Teoria da Gramática. A Faculdade de Linguagem*, Lisboa, Caminho, 1992, pp. 218-221, de onde é retirada a análise que a seguir se apresenta, sugere-se a aproximação entre construções infinitivas não preposicionais e pseudorelativas: as primeiras seriam orações pequenas, projecção da categoria Flexão, e as segundas, projecção da categoria COMP.

tos sobre “orações pequenas”, este autor adopta a perspectiva de Fukui e Speas²⁵.

Nesta perspectiva, as orações pequenas *não são projecções máximas* (de nível 2), sendo antes uma projecção de grau 1, ocupando o sujeito da oração pequena a posição de adjunção a X'. Raposo coloca como hipótese o seguinte: existem orações pequenas cujo núcleo é uma categoria funcional e não uma categoria lexical; as construções pseudorelativas seriam orações pequenas em que o núcleo é a categoria funcional complementador (COMP). Assim (41) (o exemplo é de Raposo) teria a estrutura apresentada em (42):

(41) Eu encontrei o Luís que saía de casa.



Não fica claro no texto se, neste tipo de exemplo, Raposo considera o SN *o Luís* como um argumento, mas dada a aproximação sugerida com as construções infinitivas e as orações pequenas em geral, parece poder concluir-se que no seu tratamento tais expressões têm um comportamento de argumento. (Repare-se que Raposo adopta a ideia segundo a qual a posição de adjunção a COMP' é ou não uma posição argumental conforme a natureza do elemento que a ocupa).

Embora tente captar alguns aspectos específicos deste tipo de construção, há contra-argumentos a este tratamento, que, em parte, coincidem com os que já apresentámos em relação à análise de Guasti.

Ao sugerir uma análise sintáctica muito próxima das pseudorelativas e das construções infinitivas seleccionadas por Vs perceptivos, não são explicados uma série de factos que distinguem sintacticamente as duas construções.

²⁵ Sobre a sintaxe das “orações pequenas”, veja-se, entre outros: STOWELL, T. — *Subject across categories*, “The Linguistic Review”, 2. 3., 1983, pp. 285-312; WILLIAMS, E. — *Predication*, “Linguistic Inquiry”, 11. 1., 1980, pp. 203-238 e *Against small clauses*, “Linguistic Inquiry”, 14. 2., 1983, pp. 287-308; FUKUI, N.; SPEAS, M. — *Specifiers and Projections*, “M.I.T. Working Papers in Linguistics”, 8, pp. 128-172.

(i) As pseudorelativas comportam-se como “ilhas” relativamente ao movimento, as infinitivas não²⁶:

- (43) (a) * O livro que eu vi a Maria que lia [] é o “Evangelho segundo Jesus Cristo”. (= 39a)
 (b) O livro que eu vi a Maria ler / a ler é o “Evangelho segundo Jesus Cristo”.

(ii) Na construção infinitiva pode haver cliticização do SN, na pseudorelativa não pode:

- (44) (a) Vi-o chorar.
 (b) Vi-o a chorar.
 (c) *Vi-o que está a chorar.

(iii) Tal como na análise de Guasti, a análise de Raposo não permite aproximar construções com Vs perceptivos e as que são introduzidas por expressões apresentativas (*eis, é, há*) e não permite incluir as construções independentes.

Estes factos apontam, portanto, para estruturas diferentes de pseudorelativas e infinitivas, embora tenham pontos em comum e semelhanças do ponto de vista interpretativo.

Há razões para pensar que as pseudorelativas são de natureza nominal, envolvendo uma estrutura de encaixe de SCOMP num SN²⁷.

²⁶ Embora sem explorar aqui a sintaxe das construções infinitivas seleccionadas por Vs perceptivos, aliás estudadas nos trabalhos referidos nas notas anteriores, pode dizer-se que as infinitivas, ao contrário das pseudorelativas, não conterão os nós SN e SCOMP; como o exemplo (43b) mostra, o movimento de constituintes para fora da infinitiva não produz resultados agramaticais, porque o morfema não atravessa nenhuma categoria relevante para a Subjacência.

²⁷ Como é sugerido em KAYNE, R. — *Binding...* e BURZIO, L. — *Italian Syntax. A Government-Binding Approach*, Reidel, Dordrecht, 1986, cap. 4.7. Refira-se que em KAYNE, R. — *Syntaxe du Français*, Seuil, Paris, 1975, p. 128, ao analisar as pseudorelativas, o autor propõe para o Francês a estrutura [SN] [F' ...], isto é, uma estrutura que não é de encaixe; veja-se também no mesmo sentido GRAFFI, G. — *Su alcune costruzioni “pseudorelative”*, “Rivista di Grammatica Generativa”, 5, 1980, pp. 117-138. Como será sugerido adiante, o Francês e o Italiano apresentam motivos para alguma hesitação. Note-se que, ao propor neste texto que as pseudorelativas são encaixadas num SN, estou a simplificar a estrutura, uma vez que a categoria SN deveria aqui ser encarada como SDET (Sintagma Determinante), na linha de ABNEY, S. P. — *The English Noun Phrase in its sentential aspect*, Diss. de Ph. D., MIT.

Além do comportamento como “ilha”, há outros argumentos suplementares:

(i) a possibilidade de coordenação da sequência constituída pelo SN e a oração pseudorelativa com um simples SN:

(45) (a) Daqui já vejo a Maria e o teu filho que está a sair do carro.

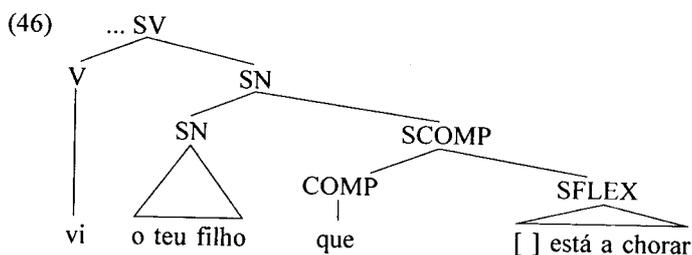
A gramaticalidade deste exemplo permite pensar que estamos perante uma coordenação de SNs.

(ii) outro argumento a favor da natureza nominal da sequência é dado pelo emprego da forma *quem* (quando referido a humanos) quer na construção pseudoclivada quer no par pergunta/resposta:

(45) (b) Quem eu vejo é o teu filho que está a sair do carro.

(c) Quem é que vês? O teu filho que está a sair do carro.

Vou pois assumir que as pseudorelativas têm a estrutura sintáctica já apresentada em (36) e que aqui repito como (46):



Se o SN que antecede a oração de *que* forma com ela um constituinte, então é todo o SN que é regido pelo V superior, o que confirma a nossa análise de que este tipo de Vs tem um e só um papel temático a atribuir (o papel de “Tema individual). Mas, por outro lado, o SN, ou melhor, o N é o núcleo da construção; daí que, do ponto de vista interpretativo, tanto é verdade que o SN é o objecto da percepção, como é objecto da percepção o SN num dado evento²⁸.

Na nossa análise, o SN que é nó irmão da oração de *que* não é regido pelo V. Prevê-se assim que seja impossível deslocar tal SN deixando “in situ” a oração de *que*.

²⁸ Cf. BURZIO, L. — *Op. cit.*, p. 299.

Com efeito, o movimento do SN pela passiva produz um resultado agramatical:

(47) * O teu filho foi visto que está / estava a chorar.

Também a cliticização é impossível com este tipo de construção:

(48) * Vi-o que estava a chorar²⁹.

No entanto em Francês e em Italiano os exemplos correspondentes a (47) e (48) são aceitáveis:

(49) (a) Marie a été vue [] qui embrassait Jean³⁰.

(b) Giovanni fu visto [] che parlava con Maria.

(50) (a) Je les vois [] qui arrivent.

(b) Li vedo [] che arrivano.

O que parece estar em causa é que a posição de SN nas pseudorelativas é regida pelo Vs perceptivos em Francês e em Italiano, mas não em Português³¹. Como explicar esta diferença entre línguas?

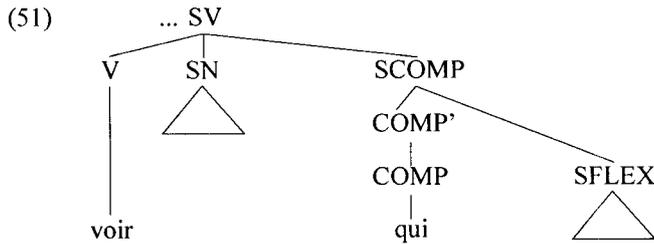
²⁹ Se confrontarmos com as infinitivas, vemos que qualquer destes movimentos é possível: *O teu filho foi visto chorar / O teu filho foi visto a chorar* (melhor a construção preposicional); *Eu viu-o chorar / Eu vi-o a chorar*. Estes factos mostram que a estrutura das construções infinitivas e das pseudorelativas não pode ser a mesma, apesar das semelhanças já referidas anteriormente.

Recorde-se que a cliticização é possível em Português com *eis*: *Ei- -lo que chega*. Qualquer que seja a sua origem, *eis* tem em Português propriedades verbais, mas sem marcas de concordância, sendo atribuidora de acusativo (similar portanto a *ecco*, *voici*, *voilà*).

³⁰ O exemplo em Francês é de GUASTI, M. T. — *La pseudorelative...*, p. 48 e o de Italiano é de BURZIO, L. — *Op. cit...*, p. 300.

³¹ Uma eventual objecção que pode fazer-se ao tratamento aqui proposto para as pseudorelativas em Português é levantado pela possibilidade de movimento de morfemas interrogativos em exemplos como o seguinte: *Quem é que tu viste que estava a chorar?* (paralelo a *Quem é que tu viste chorar?* *Quem é que tu viste a chorar?*). Este tipo de exemplo é aliás comentado por GUASTI, M. T. — *Pseudorelatives and Prepositional Interrogatives...*, p. 63, para fundamentar a sua análise segundo a qual o SN seleccionado pelos Vs perceptivos é regido e acessível à atribuição de papel temático e de caso. A hipótese alternativa que apresento para explicar a gramaticalidade do exemplo acima apresentado é que, no caso do vestígio deixado por morfemas Q interrogativos, é a regência por coindexação que é relevante e não a regência lexical; se assim for, apesar de a posição do vestígio de *quem* não ser regida pelo V, ela seria regida por coindexação pelo morfema interrogativo. Sobre o Princípio da Categoria Vazia (E.C.P.), um dos princípios que regula os movimentos de constituintes e que está certamente em causa nesta discussão ver, entre outros, RAPOSO, E. P. — *Teoria da Gramática...*, cap. 14.

Uma hipótese possível será explorar a ideia de a estrutura envolvida nas pseudorelativas ser diferente em Português e Francês / Italiano³². Recorde-se que a “velha” análise de Kayne para o Francês (seguida por Graffi para o Italiano), era uma estrutura tripartida sem encaixe:



Tal estrutura foi proposta para dar conta de pares de frases como o seguinte:

- (52) (a) Je l'ai vu qui courait à toute vitesse.
 (b) J'ai vu lui qui courait à toute vitesse.

Aceitando a estrutura (51) para as pseudorelativas em Francês e Italiano, seria possível explicar não só o paralelismo entre (52a) e (52b) mas também os fenómenos exibidos em (49) e (50)³³.

Esta estrutura parece no entanto difícil de aceitar dado o requisito de ramificação binária normalmente assumido na teoria. Por outro lado, a estrutura (51) é inconciliável com o tratamento semântico dos Vs perceptivos acima assumido, pois foi proposto que estes Vs têm um e só um papel temático interno a atribuir. Deixo pois em aberto este problema.

Mas voltemos de novo a nossa atenção para a estrutura interna das pseudorelativas.

De modo a captar as afinidades existentes entre as pseudorelativas e as construções infinitivas e em particular a propriedade de “concordância

³² Além das diferenças de estrutura, há outros aspectos que distinguem as pseudorelativas em Português e Francês. Refero-me ao caso exibido pelo SN nas pseudorelativas independentes:

E eu que não consigo deixar de fumar!

Et moi qui fume toujours!

Em Português, numa situação de “caso por defeito”, representada por este tipo de exemplo, é o nominativo a forma bem formada. Em Francês, numa mesma situação, é uma forma forte, tónica, que é seleccionada.

³³ Ver KAYNE, R. — *Syntaxe du Français...*, pp. 126-129; GRAFFI, G. — *Art. cit.*, p. 125.

temporal”, vou adoptar a ideia de que a categoria COMP pode conter traços de [+/- Tempo Independente], em relação ao Tempo da oração superior³⁴.

Os Vs perceptivos (e outras palavras de sentido apresentativo como *eis*) seriam caracterizados por seleccionarem ou a categoria SN ou a categoria SCOMP, como já referido. No caso de seleccionarem orações completivas, como em (53):

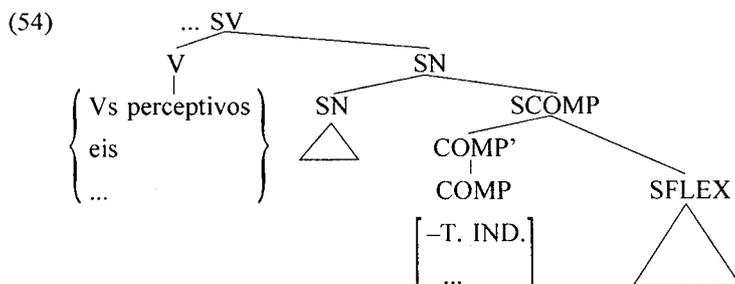
(53) Vejo que a Maria saiu de casa / sai de casa todos os dias às 10 h / sairá de casa em breve.

a categoria SCOMP é a projecção de um COMP marcado [+Tempo Independente]; em consequência, a oração completiva pode ter um tempo Presente, Passado ou Futuro relativamente ao tempo da oração matriz.

Nas orações relativas e nas pseudorelativas, a estrutura é de encaixe de SCOMP num SN, mas enquanto nas primeiras SCOMP domina um COMP [+Tempo Independente], no caso das pseudorelativas, SCOMP domina um COMP [-Tempo Independente]. Como esse COMP [-Tempo Independente]

c-comanda (em termos semânticos tem escopo sobre) o resto da oração, o tempo da oração pseudorelativa está na dependência do tempo da oração superior. Marcarei a Flexão da pseudorelativa como [+Tempo] [+CONC] como forma simplificada de descrever um tempo gramatical flexionado, sem que isso represente qualquer contradição com a proposta atrás apresentada. Além deste aspecto, relativas e pseudorelativas distinguem-se pelos mecanismos de ligação, assunto a que me referirei adiante.

Sendo assim, a estrutura sintáctica (parcial) de uma pseudorelativa é a seguinte:



³⁴ Sobre a proposta de COMP ter traços de [+/- Tempo Independente] ver RAPOSO, E. P. — *Case Theory and Infl-to-Comp: the Infinitive in European Portuguese*, “Linguistic Inquiry”, 18, 1, pp. 85-110 e DUARTE, I. S. — *Propriedades de Comp em Construções completivas*, “Actas do 9.º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística”, 1993, pp. 181-194.

No que concerne as pseudorelativas com a forma verbal *é* e *há*, vimos que existe uma grande liberdade na escolha dos tempos da oração encaixada (exemplos (20)).

No caso das pseudorelativas independentes, como (21), o requisito de um COMP [-T. IND.] não se justifica: SCOMP domina COMP marcado [+Tempo Independente], explicando a ausência de restrições temporais.

3.2. *Mecanismos de ligação*

Vimos que nas pseudorelativas se interpreta a oração de *que* como “dizendo respeito” ao SN anterior, o que explica a aproximação às orações relativas. Numa relativa, tal interpretação é captada pela identidade referencial entre o SN antecedente e uma categoria vazia no interior da oração subordinada, *através* da presença numa posição inicial dessa oração de um morfema relativo ou de um operador relativo nulo³⁵:

(55) Vejo daqui o teu filho, a quem deste um casaco todo bonito.

No caso das pseudorelativas, o morfema inicial da oração subordinada é o complementador *que*, sendo impossível o emprego de um morfema relativo no seu lugar, como vimos anteriormente. Na representação sintática da pseudorelativa, tal complementador deve portanto ser descrito como [-Q] ou [-WH], para marcar a diferença em relação à natureza dos operadores relativos (ver a este propósito (62)).

Recordemos os exemplos (1d), (2) e (3), aqui renumerados como (56), (57), (58):

(56) Vejo o avião que está a aterrar.

(57) É / há o teu filho que desatou a chorar.

(58) E eu que não consigo deixar de fumar!

Em qualquer das orações de *que* há uma categoria vazia cuja interpretação coincide com a expressão nominal antecedente. Das categorias vazias aceites na teoria, duas poderiam ser propostas para ocupar a posição

³⁵ BRITO, A. M. — *Op. cit.*, cap. 3.

de sujeito: um PRO(nominal) controlado e um pro(nominal) não controlado³⁶.

Ao analisar estas construções em Francês, Kayne deu conta da assimetria Sujeito / Objecto já referida; assim, as orações em que a categoria vazia é Objecto são agramaticais³⁷:

- (59) (a) Je l'ai vu qui [] courait à toute vitesse.
 (b) * Je l'ai vu que Jean frappait [].
 (c) * Elle est là que ton ami insulte [].

Kayne propôs que estas construções não envolvem Movimento Q, caracterizando-se por uma relação de controle entre uma expressão nominal superior e um PRO(nominal) na oração subordinada. Sendo tal categoria vazia PRO, a sua ocorrência está condicionada pelo Teorema de PRO³⁸. Tanto em (59b) como em (59c), PRO é regido pelo V, enquanto objecto directo, o que conduz à agramaticalidade das construções. Em (59a), PRO é sujeito, não sendo regido pela FLexão (dado que a Flexão não é uma categoria regente) e por isso a construção é bem formada sintacticamente. Ainda segundo Kayne, em (59a) o SN superior atribui um índice referencial ao complementador, índice esse que leva à passagem de *que* a *qui* (mecanismo paralelo ao que ocorre nas relativas de SU:

- (60) (a) L'homme *qui* est venu est mon ami.

ou em extracções do Sujeito como:

- (b) Qui crois-tu *qui* est venu?

Quer dizer, o facto de nas pseudorelativas só os exemplos em que a categoria vazia é Sujeito serem gramaticais tem uma explicação imediata dada a hipótese de essa categoria ser um PRO controlado.

Na fase da teoria em que operava Kayne, o seu raciocínio estava correcto. No entanto, assume-se actualmente que a categoria vazia de sujeito

³⁶ Em KAYNE, R. — *Binding...*, o autor propõe a categoria vazia PRO; em GUASTI, M. T. — *La pseudorelative et les phénomènes d'accord...* propõe-se a categoria pro. Neste texto vou manter-me muito próxima da análise desta autora, com as diferenças decorrentes do facto de adoptarmos estruturas sintácticas distintas para as pseudorelativas.

³⁷ Os exemplos são tirados de KAYNE, R. — *Syntaxe du Français...*, pp. 126-128.

³⁸ Veja-se CHOMSKY, N. — *Lectures on Government and Binding*, Dordrecht, Foris Publications, 1981, p. 191: "PRO não é regido".

de uma oração flexionada é *pro*, isto é, um pronominal nulo que surge em contextos de regência³⁹.

É precisamente esse tipo de categoria que proponho para as pseudorelativas. Mas torna-se então necessário explicar a razão pela qual só as pseudorelativas em que a categoria vazia é Sujeito são gramaticais.

A categoria *pro* obedece a um requisito de legitimação formal — regência por parte de um núcleo — e uma condição de identificação de conteúdo.

Nas orações pseudorelativas, a categoria vazia na posição de Sujeito é formalmente legitimada pela regência de COMP, núcleo de SCOMP. Quanto à identificação de conteúdo: recorde-se que as pseudorelativas não envolvem Movimento Q e por isso não pode invocar-se a presença em SCOMP de nenhum operador relativo. Vou adoptar aqui a proposta de que a categoria COMP, núcleo da categoria SCOMP, pode ter traços abstractos de Concordância quando “encabeça” uma oração flexionada⁴⁰. Esse traço [+CONC] pode ser anafórico; neste caso, é anafórico do SN superior e é com ele coindexado. É esse traço [+CONC] que identifica o conteúdo de *pro*, Sujeito da pseudorelativa e, por isso, o conteúdo dessa categoria vazia é precisamente o mesmo do SN que antecede a oração⁴¹. Logo, o conteúdo da categoria vazia *pro* numa pseudorelativa é directamente identificado pelo traço [+CONC] em COMP e indirectamente identificado pelo SN superior.

Em Francês, os mecanismos de legitimação e identificação são, em grande parte, paralelos; mas para que COMP possa constituir um identificador adequado ele tem de tomar a forma *qui*. Se COMP tiver o traço de [+CONC], transforma-se em *qui*, por outro, legitima e identifica a categoria vazia *pro* na posição de Sujeito.

Explica-se assim que só as pseudorelativas de Sujeito sejam gramaticais; no caso de uma categoria objecto, a categoria vazia poderia ser formalmente legitimada pela regência do V; mas não poderia ser identificada por COMP.

³⁹ A teoria sobre *pro* que aqui vou adoptar é a de RIZZI, L. — *Null Subjects in Italian and the Theory of pro*, “Linguistic Theory”, 17, 3, pp. 501-558.

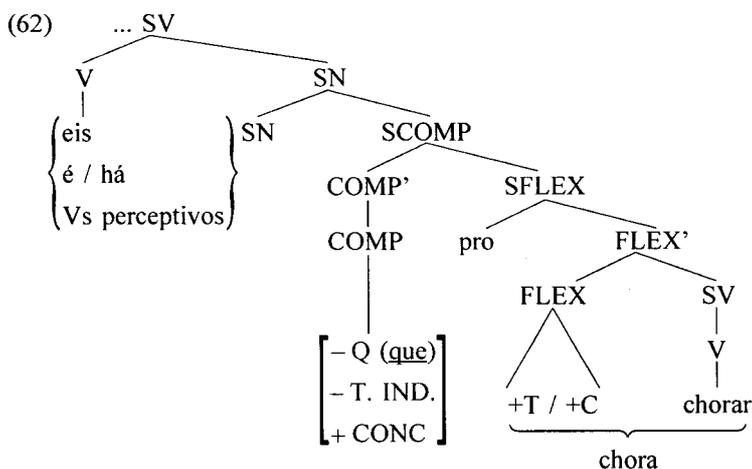
⁴⁰ Proposta feita em RIZZI, L. — *Relativized Minimality*, The MIT Press, Cambridge, Mass., 1990, cap. 2.5. e segs.

⁴¹ Como Guasti coloca o SN na posição de ESP de SCOMP nas pseudorelativas, propõe que o mecanismo responsável pela coindexação entre SN e COMP é a “Concordância ESP-Núcleo”. Como não adopto aqui a estrutura proposta por Guasti, considero que nesta identificação está em causa uma relação de ligação ou anáfora local, sujeita a c-comando.

Refira-se igualmente que em Inglês COMP não pertence ao conjunto de categorias legitimadoras de pro; por essa razão não existem pseudo-relativas nessa língua:

- (61) (a) * I see John that is crying.
 (b) * It is / There is John that is crying.
 (c) * And I *that* can not stop smoking.
 (como resposta às perguntas: What are you seeing? What is it happening?)

Em síntese: se aceitarmos a estrutura de encaixe da pseudorelativa num SN e se adoptarmos a ideia de que COMP contém traços de [- T. IND.] e de [+ CONC] (este último como forma de identificar o conteúdo da categoria vazia), será a seguinte a configuração sintáctica de uma pseudorelativa em Português⁴²:



⁴² Já depois de redigido este texto, tive acesso a um trabalho realizado no âmbito do Seminário de Sintaxe Comparada (dirigido pela Prof. Doutora Inês Duarte) do Mestrado em Linguística da Faculdade de Letras de Lisboa: NASCIMENTO, T. M. C. Calado — *Relativas, pseudorelativas, completivas e complementos infinitivos preposicionados de Verbos perceptivos: propriedades comuns e propriedades específicas*, 1994. Embora muitos dados coincidam com os que eu apresento, a análise sintáctica adoptada é a de Guasti, que refiro e analiso criticamente ao longo deste texto. Refira-se igualmente que está em preparação na Faculdade de Letras do Porto uma dissertação de doutoramento sobre “Verbos de percepção intelectual” por Raúl de Almeida.

4. Conclusões

Propôs para as construções ilustradas pelos exemplos (1) (2) e (3) uma natureza de “pseudorelativa”, com algumas propriedades comuns às relativas, nomeadamente terem uma estrutura de encaixe da oração de *que* num SN. Mas tais construções têm também propriedades que as distinguem. Por um lado, as pseudorelativas não comportam um morfema relativo, só o complementador e por isso a interpretação “co-referencial” tem de ser explicada de modo distinto. Sendo o sujeito da pseudorelativa a categoria vazia *pro*, o seu conteúdo é directamente identificado pelo traço [+ CONC] em COMP e indirectamente identificado pelo SN superior.

Também diferentemente das relativas, as pseudorelativas distinguem-se por terem um tempo dependente do da oração matriz (o que, no entanto, não acontece nas pseudorelativas independentes e de certo modo nas construções introduzidas por *é* e *há*); para dar conta desta restrição, propôs que estas construções, diferentemente das completivas e das relativas, têm um COMP caracterizado [- T. IND.] Esse aspecto aproxima as pseudorelativas das construções infinitivas e gerundivas.

A análise capta de forma satisfatória a interpretação destas construções, nomeadamente as que são introduzidas por Vs perceptivos: ao propor uma estrutura sintáctica de encaixe da oração num SN, descreve-se o facto de se exprimir um individual percebido num determinado evento, cujo conteúdo semântico é descrito pela oração encaixada.

Recorde-se que este texto foi iniciado com a referência a alguns autores que analisaram estas construções numa perspectiva enunciativa. Se é certo que tais análises descrevem as propriedades semânticas fundamentais das pseudorelativas, também é verdade que nem sempre se deram conta da sua natureza estrutural.

A alternativa é uma análise sintáctica coerente com o tratamento semântico destas construções, descrevendo, nomeadamente, a especificidade dos Vs de percepção e expressões afins, assim como a importância do tempo, do aspecto e da natureza dos predicados lexicais envolvidos. Por outro lado, a análise repousa na ideia de que o par pergunta / resposta deve ser encarado como unidade a ter em conta no domínio da Sintaxe.

Ana Maria Barros de Brito